

SEÇÃO IX

Economia Agrícola

Sumário

As previsões do produto interno bruto (PIB) agropecuário do Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea foram feitas com base em dois cenários para a safra agrícola: o do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e o do Acompanhamento de Safra, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Com base nos prognósticos de safra do IBGE, a previsão Ipea é de alta do PIB agropecuário, de 0,6% em 2018 para 0,9% em 2019. As previsões ficam melhores quando utilizamos as previsões de produção agrícola da Conab, que resultam em previsão Ipea de crescimento de 0,9% e 2,0% para 2018 e 2019, respectivamente. De qualquer forma, a perspectiva é que o setor apresente crescimento neste e no próximo ano, porém abaixo da média da economia.

No terceiro trimestre de 2018, as cadeias pecuárias tiveram aumento da demanda, o que contribuiu para a alta nas cotações, seja para o mercado interno, como no caso do frango, seja para as exportações, como no caso do boi e dos suínos. Em contrapartida, entre os produtos da agricultura, o aumento da oferta reduziu os preços de milho, trigo, algodão e batata. Também houve queda nos preços do café e da banana.

A redução do estoque de soja contribuiu para manter um movimento de alta dos preços que ocorria desde o segundo trimestre. A demanda externa também colaborou para esse comportamento dos preços. Os preços do milho recuaram na maior parte do mercado nacional, em decorrência do período de colheita da segunda safra, no entanto mantiveram-se em patamares expressivamente maiores que a safra anterior. Os preços médios do trigo reduziram no terceiro trimestre, reflexo do início da colheita e, conseqüentemente, da maior oferta, mas ainda se encontram em níveis superiores aos do ano passado. Os preços da pluma de algodão apresentaram comportamento similar ao milho e ao trigo, de queda dos preços – em razão do avanço da colheita –, que se mantiveram acima do verificado nas duas últimas safras. Os preços da saca de arroz subiram ao longo do terceiro trimestre, reflexo da entressafra e do aumento das demandas interna e externa. A comercialização do café arábica foi relativamente menor no Brasil, devido à acentuada queda das cotações nesse período – em decorrência da boa safra 2018/2019, pressionaram-se os preços para baixo.

O preço da arroba do boi gordo aumentou no terceiro trimestre, confirmando as expectativas, impulsionado pelas exportações. Os preços do suíno, tanto o animal vivo como a carne, voltaram a se elevar como reflexo da diminuição da oferta de animais prontos para o abate no mercado doméstico e do aumento das exportações, principalmente. Os preços do frango vivo e da carne de frango, por sua vez,

Editores:

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

aumentaram, mantendo a tendência já observada no segundo trimestre, em razão do aquecimento da demanda interna associado à menor oferta de animais, em decorrência da saída dos produtores da atividade.

Os valores e quantidades acumulados nos dez primeiros meses do ano para os principais produtos de exportação aumentaram em 3,1% com relação ao mesmo período do ano anterior. O aumento significativo das exportações nos últimos meses pode ser consequência da substituição da soja brasileira pela soja norte-americana no mercado chinês. Contudo, mesmo com o aumento da produção, o Brasil não terá oferta suficiente para atender à demanda até então americana.

O segundo produto mais importante dessa lista é a celulose, que apresentou elevação de 33,7% em valor nos primeiros dez meses do ano, na comparação com igual período do ano passado – os principais mercados brasileiros registraram grande elevação no período, com destaque novamente para a China. A carne de frango congelada apresentou queda de 10,5% nos valores exportados no mesmo período. As exportações de açúcar também tiveram forte queda ao longo dos primeiros dez meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, devido ao aumento da oferta internacional do produto. Os principais produtos de importação mostraram queda de 0,6% em valor para os primeiros dez meses de 2018, comparando-se com 2017. O principal produto dessa classificação é o trigo, cujas importações cresceram 27% em valor, a despeito de ter havido grande aumento da produção doméstica.

A contratação do crédito rural reverteu às expectativas do setor, que eram de redução – como observado desde 2014. Na safra 2018/2019, a ampliação já foi bastante marcante e deve se manter para o próximo ano agrícola (2019/2020), em razão principalmente da redução das taxas de juros, de novas linha de crédito, que atendem ao interesse dos produtores rurais, e de renegociações das dívidas. Destaque também para a possibilidade de boa adesão às contratações de crédito com componente pós-fixado para a próxima safra, caso as projeções do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) continuem dentro dos mesmos níveis atuais.

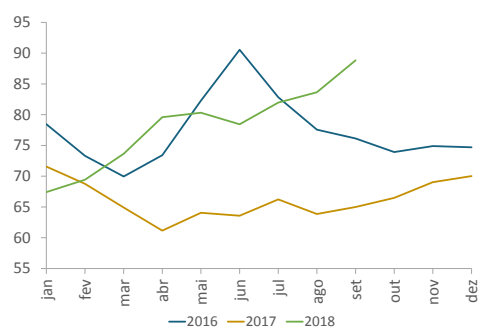
1 Mercados e preços agropecuários¹

O cenário de preços para os mercados agropecuários não teve um movimento preponderante entre as culturas e atividades pecuárias analisadas no terceiro trimestre de 2018. Em geral, para as cadeias pecuárias, o aumento da demanda contribuiu para altas nas cotações, seja para o mercado interno, como no caso do frango, seja para as exportações, como no caso do boi e dos suínos. Entre os produtos da agricultura, o aumento da oferta reduziu os preços de milho, trigo, algodão e batata. Também houve redução nos preços do café e da banana, devido principalmente à safra recorde, no primeiro caso, e à redução pontual da demanda atrelada ao período de férias escolares, no segundo. Por um lado, as demandas crescentes externas impulsionaram os preços da soja e do arroz; por outro, a demanda interna impactou o preço da laranja.

¹ Seção elaborada por Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio (geral); André Sanches (grãos); Fernanda Geraldini (hotifrutícolas); Renato Garcia Ribeiro (café); Natália Salaro Grigol (leite); Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi); e Juliana Ferraz e Maristela de Mello Martins (suínos, aves e ovos), todos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq/USP).

Como já destacado na *Carta de Conjuntura* nº 40, o aumento da demanda externa pela soja brasileira e a desvalorização do real diante do dólar impulsionaram os preços internos do produto e seus derivados desde o começo do ano. No terceiro trimestre, com a redução do estoque do grão da safra anterior, os preços da soja mantiveram um movimento de alta, sendo elevada também a demanda por exportação. Com isso, a média do indicador de preço da soja no terceiro trimestre foi 6,8% superior à do trimestre anterior. Na comparação entre os primeiros nove meses de 2018 e o mesmo período de 2017, o indicador teve alta nominal de 19,4% (gráfico 1).

GRÁFICO 1
Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço da soja
(Em R\$ por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

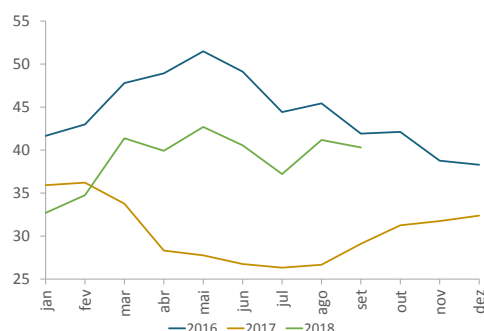


Perspectivas Soja:

Devido ao menor excedente interno, a perspectiva é que sojicultores retenham seus estoques remanescentes da safra 2017/2018 e fiquem ainda mais cautelosos nas comercializações da safra 2018/2019. A retração nas vendas já vinha sendo observada após a divulgação da nova tabela de frete mínimo pela Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT), em setembro deste ano. Parte dos produtores acredita que o cenário de alta dos preços verificado no ano passado, justamente no período de entressafra, possa se repetir nesta temporada.

Os preços do milho recuaram na maior parte do mercado nacional no período de colheita da segunda safra. A média do indicador de preço do milho no terceiro trimestre foi 3,6% menor em relação ao trimestre anterior, resultado da maior oferta. Este aumento na produção já é esperado, uma vez que dois terços da oferta nacional do cereal são atualmente provenientes da segunda safra (gráfico 2). Mesmo em queda, os preços se mantiveram em patamares expressivamente maiores que os da temporada anterior. Isso porque a safra 2017/2018 ficou cerca de 17,5% menor que a de 2016/2017, devido aos problemas climáticos que reduziram a produtividade em 12% e à redução de área de 5,4%. Na comparação entre janeiro a setembro de 2018 e o mesmo período do ano anterior, a média do indicador de preço do milho aumentou 29,5%.

GRÁFICO 2
Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

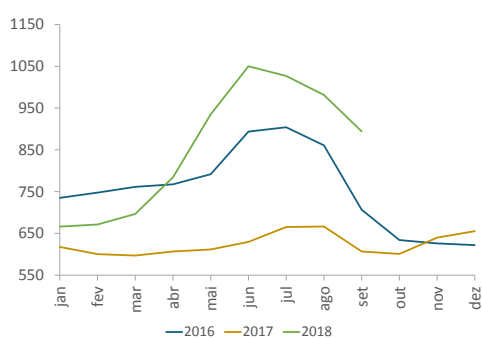


Perspectivas Milho:

Após a colheita do milho na segunda safra, a oferta do cereal é maior que o consumo interno, o que tende a pressionar para baixo os preços até o final do ano. A variação dos preços também vai depender do desempenho das exportações, que, na safra atual, seguem em ritmo lento devido aos elevados preços do mercado interno.

Os preços médios do trigo acumularam sucessivas quedas no terceiro trimestre, após atingirem os maiores patamares do ano em junho, reflexo do início da colheita e, conseqüentemente, da maior oferta do cereal nas regiões Sul e Sudeste do país. Apesar das quedas mensais, a média do preço do trigo Cepea/Esalq Paraná, no terceiro trimestre do ano, foi 4,8% superior à do trimestre anterior. Na comparação com o período de janeiro a setembro de 2017, a alta foi de 37,6% (gráfico 3).

GRÁFICO 3
Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço do trigo
(Em R\$/tonelada)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

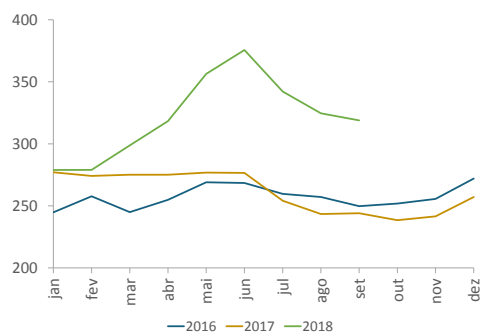


Perspectivas Trigo:

No último trimestre, os produtores mantiveram os estoques, atentos às definições sobre a safra 2018/2019. Até o momento, toda a safra já foi colhida no Paraná e no Rio Grande do Sul, e a produtividade média foi um pouco abaixo da esperada, com a qualidade do trigo colhido afetada pela seca na semeadura no Paraná (no início da safra) e, depois, pelo excesso de chuvas.

Apesar da forte alta no primeiro semestre do ano, os preços da pluma de algodão apresentaram queda no terceiro trimestre, com a média do indicador de preço do algodão Cepea/Esalq retraindo 6,2% diante do trimestre anterior (gráfico 4). A queda foi reflexo de: i) maior oferta decorrente do avanço da colheita da safra 2017/2018 nas principais regiões produtoras; ii) maior flexibilidade de produtores em negociar; e iii) redução da demanda de novos lotes no *spot*² por parte da indústria. Além disso, na comparação com o período de janeiro a setembro de 2017, a média do indicador está 20,7% superior no ano corrente.

GRÁFICO 4
Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão em pluma
(Em centavos de R\$/libra-peso)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



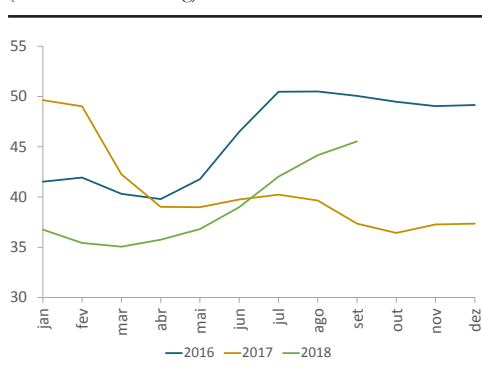
Perspectivas Algodão:

Após a consolidação da colheita, a perspectiva para o curto prazo é que os preços do algodão em pluma permaneçam em queda, em razão da maior oferta. Como a maior parte da produção da atual safra já foi negociada, tanto os produtores como a indústria estão focados no beneficiamento da safra. Em contrapartida, o real desvalorizado favorece a comercialização do algodão da próxima safra, que deve se intensificar neste último trimestre do ano.

² Negócios com pagamento à vista e entrega imediata da mercadoria.

Mantendo o movimento do segundo trimestre, no terceiro, os preços do arroz (principalmente no Rio Grande do Sul) tiveram fortes altas, impulsionados pela demanda aquecida tanto para o mercado externo quanto para o doméstico. Na média do terceiro trimestre, o indicador de preço do arroz em casca Esalq/Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) Rio Grande do Sul teve alta de 18,1% em relação ao trimestre anterior. Entretanto, na comparação com o período de janeiro a setembro de 2017, a tendência continuou de baixa, com queda de 6,8% neste período (gráfico 5). Quanto à balança comercial, entre janeiro e setembro, o *superavit* foi de 646,8 mil toneladas, diante do déficit de 337,6 mil toneladas no mesmo período de 2017.

GRÁFICO 5
Indicador Esalq/Senar Rio Grande do Sul do preço do arroz em casca
(Em R\$/saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

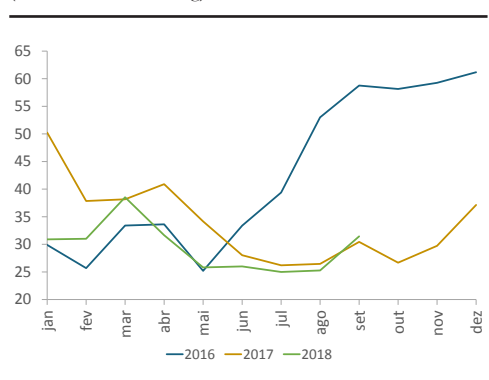


Perspectivas Arroz:

A perspectiva de curto prazo é que os preços se mantenham constantes, devido ao período de entressafra e à demanda aquecida, tanto a doméstica quanto a internacional. Os orizicultores estão com as atenções voltadas aos trabalhos de campo, período de semeio e às condições climáticas. As chuvas recorrentes no Rio Grande do Sul em setembro deixaram os produtores cautelosos quanto à necessidade de replantio em algumas áreas.

No que diz respeito aos hortifrúctícolas, o mês de julho, até a primeira quinzena de agosto, foi de cotações limitadas para a banana-nanica, resultado das férias escolares – a merenda é um importante meio de escoamento da fruta. Contudo, a partir da segunda quinzena, houve retomada da demanda, além da diminuição da oferta de banana-nanica no Vale do Ribeira (São Paulo), principal região produtora desta variedade no Brasil, o que resultou em aceleração das cotações. De modo geral, o preço da banana teve queda de 2,1% na comparação entre o terceiro e o segundo trimestres de 2018, e de 15% na comparação entre os nove primeiros meses de 2018 e o mesmo período de 2017 (gráfico 6).

GRÁFICO 6
Preço médio de comercialização da banana-nanica no atacado
(Em R\$/caixa de 22 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Nota: Preço na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp).

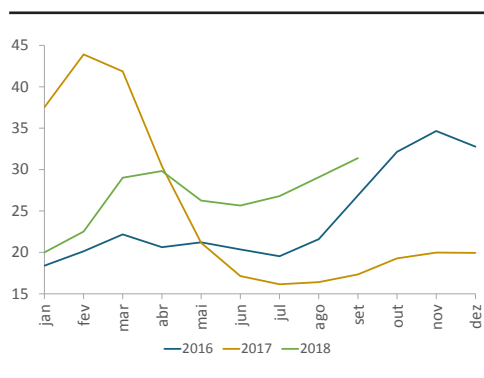


Perspectivas Banana:

O trimestre de outubro a dezembro deve ser marcado por diminuição na oferta da variedade prata, principalmente a partir de novembro. Em contrapartida, a nanica deve ter aumento na colheita no mesmo período. Além do possível aumento da oferta, o início das férias em dezembro deve reduzir a demanda e pressionar os preços para baixo.

O trimestre de julho a setembro foi de preços em alta para a laranja-pera no mercado *in natura* no estado de São Paulo. Na comparação com o trimestre anterior, a elevação foi de 6,8%. Apesar de ser um período de pico de safra desta variedade, a demanda industrial elevada, somada à baixa produtividade da temporada 2018/2019 (principalmente para a pera, que foi a variedade mais impactada), impulsionou a alta dos preços. Na comparação dos três primeiros trimestres de 2018 com o mesmo período de 2017, os preços estão praticamente no mesmo patamar, com ligeira alta de 0,6% em termos nominais (gráfico 7).

GRÁFICO 7
Preço médio de comercialização da laranja-pera in natura no atacado em São Paulo
 (Em R\$/caixa de 40,8 kg, na árvore)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

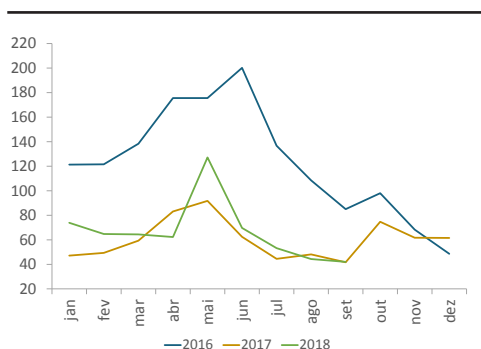


Perspectivas Laranja:

No trimestre de outubro a dezembro, os preços de todas as variedades de laranja devem continuar com tendência de alta. Apesar da intensificação da colheita das variedades tardias (principalmente valência, natal e folha murcha), boa parte do volume disponível já está contratada para a indústria, controlando a disponibilidade no mercado. Além disso, o período do verão deve elevar o consumo da fruta, em virtude das temperaturas mais altas.

Depois de aumentarem expressivamente no segundo trimestre do ano, período em que coincidiu a entressafra com a greve dos caminhoneiros, os preços da batata tiveram a menor média do ano no trimestre de julho a setembro. Apesar de 2018 estar sendo um ano de preços baixos, normalmente é no terceiro trimestre que os valores mais recuam, já que é um período típico de elevada oferta nacional. Além de concentrar-se a colheita da safra de inverno, quando a produtividade é maior, neste ano especificamente o clima foi favorável ao desenvolvimento da lavoura. Houve, ainda, manutenção da área plantada diante de 2017. Na comparação entre o segundo e o terceiro trimestres, a redução dos preços foi de expressivos 46,1%. Já na comparação entre o período de janeiro a setembro de 2018 e o mesmo período de 2017, mantém-se alta de 14,1% (gráfico 8).

GRÁFICO 8
Preço médio de comercialização da batata padrão ágata especial no atacado
 (Em R\$/saco de 50kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.
 Nota: Preço na Cegesp.

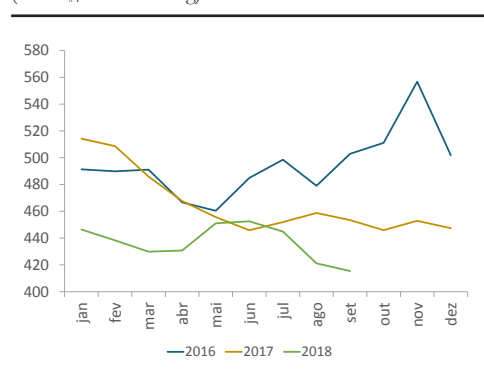


Perspectivas Batata:

Para o trimestre de outubro a dezembro, a previsão era de uma melhora nos preços em relação ao trimestre anterior, porém com os preços ainda baixos – o que se confirmou até o momento. Há expectativa de uma alta mais significativa das cotações em dezembro (período em que a oferta deve ser menor), seguida de nova redução em janeiro de 2019 (devido à colheita).

No terceiro trimestre de 2018, a comercialização do café arábica seguiu relativamente lenta no Brasil, devido à acentuada queda das cotações nesse período. Além da safra 2018/2019 recorde, as cotações foram pressionadas pela desvalorização do real diante do dólar, que levou os preços futuros do café arábica a fecharem nos menores patamares dos últimos doze anos. Pela ótica da demanda, os compradores adquiriram apenas o necessário para cumprir os compromissos de curto prazo em grande parte do trimestre. A média do indicador do café arábica Cepea/Esalq recuou 4% na comparação entre o terceiro e o segundo trimestres de 2018, com a média dos três primeiros trimestres do ano ficando 7,4% menor que a do mesmo período de 2017 (gráfico 9). Vale apontar que, no final de setembro, o mercado começou a dar sinais de melhora, com o forte avanço dos mercados futuros dessa variedade nas últimas semanas do mês.

GRÁFICO 9
Indicador Cepea/Esalq do café arábica
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

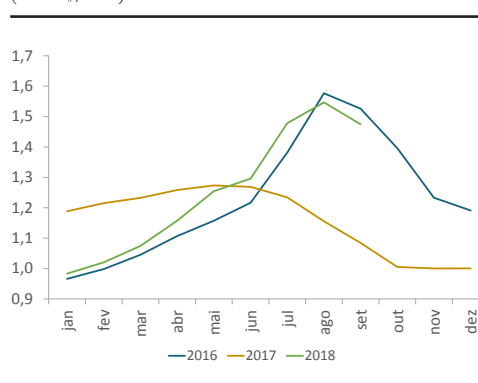


Perspectivas Café:

A atenção dos produtores no quarto trimestre de 2018 se volta para o clima, que será essencial para o desenvolvimento da safra 2019/2020 e o principal influenciador dos preços neste período. Caso o El Niño restrinja as chuvas no Sudeste do Brasil, a produtividade poderá ser mais baixa, valorizando o produto nos mercados doméstico e internacional, já que o país é o maior produtor mundial do grão. O câmbio no último trimestre também será determinante para a formação de preços e movimentação no mercado *spot*.

O preço do leite no campo registrou em setembro a primeira queda de 2018. A média para o Brasil (Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul – preços líquidos, sem frete e sem impostos) recuou 4,6% no mês de setembro diante de agosto, resultado do consumo enfraquecido de lácteos e da incapacidade de o consumidor absorver o repasse de novas altas nos preços da matéria-prima. Indústrias e atacados relataram a necessidade de realizar promoções para estimular vendas durante os meses de agosto e setembro. Apesar dessa redução, na comparação entre os preços médios do terceiro e do segundo trimestres de 2018, houve aumento de 21,4%. Além disso, houve aumento de 3,4% nos preços na comparação entre o período de janeiro a setembro de 2018 e o mesmo período de 2017 (gráfico 10).

GRÁFICO 10
Brasil: preço do leite recebido pelo produtor (preço líquido, sem frete e impostos)
(Em R\$/litro)

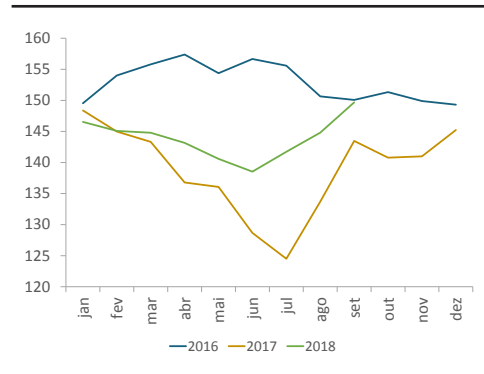


Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Segundo colaboradores consultados pelo Cepea, a expectativa é de queda do preço ao produtor para os próximos meses, pressionada tanto pela demanda, que segue fragilizada, quanto pela previsão do retorno das chuvas no Sudeste e no Centro-Oeste, que favorece a produtividade. Apesar de as indústrias manterem certo nível de competição, a captação tem se elevado gradativamente – em algumas bacias leiteiras, esperam-se volumes semelhantes ou até mesmo maiores do que no mesmo período do ano passado. De acordo com os dados preliminares da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), do IBGE, houve elevação de 0,3% na captação do terceiro trimestre em relação ao mesmo período do ano passado, evidenciando a recuperação na disponibilidade de leite.

A expectativa que os operadores do mercado pecuário tinham no segundo trimestre, de que a arroba do boi gordo alcançaria os R\$ 150,00 no terceiro trimestre, foi confirmada. Os bons resultados da exportação, associados à diminuição sazonal da oferta de animais, impulsionaram as altas do boi no período, sobrepondo-se a fatores que contribuíram para a queda dos preços até junho deste ano, como o desaquecimento da demanda interna. O valor médio do indicador Esalq/BM&FBovespa do boi gordo no terceiro trimestre de 2018 superou em 3,3% o do segundo trimestre – na comparação entre janeiro a setembro de 2018 e de 2017, houve alta de 4,4% (gráfico 11). Os ganhos, no entanto, estão sendo analisados com cautela pelo pecuarista, visto o aumento nos custos de produção neste ano.

GRÁFICO 11
Indicador Esalq/BM&FBovespa do preço do boi gordo
(Em R\$/arroba)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



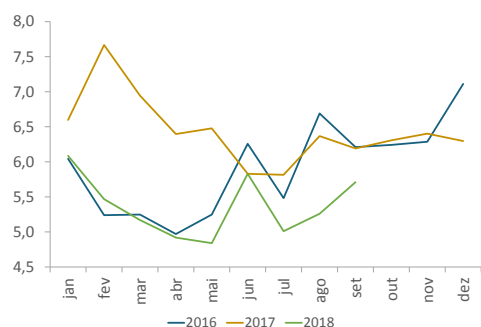
Perspectivas Boi:

Apesar da alta nos custos de produção, muitos operadores seguem apostando no aumento do número de animais confinados, que serão disponibilizados para o mercado até o final do ano. Nesse cenário, a principal dúvida dos agentes seria em relação à manutenção dos níveis de produtividade, já que os investimentos por parte de confinadores podem ter sido menores devido à elevação dos custos.

Passado o período de distorções nos preços provocadas pela greve dos caminhoneiros, os preços dos produtos de origem suínica caíram no mercado brasileiro em julho. Nos meses subsequentes, porém, os valores tanto do animal vivo como da carne voltaram a se elevar. O movimento de alta reflete principalmente a diminuição da oferta de animais prontos para o abate no mercado doméstico e o aumento na quantidade exportada. Na comparação entre o segundo e o terceiro trimestres de 2018, a carcaça suína negociada no atacado de São Paulo subiu 2,5%. Na comparação entre os primeiros nove meses de 2018 e o mesmo período de

2017, entretanto, o preço ainda continuou 17,1% inferior no ano corrente (gráfico 12).

GRÁFICO 12
Preço médio de comercialização da carcaça especial suína no atacado na Grande São Paulo (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

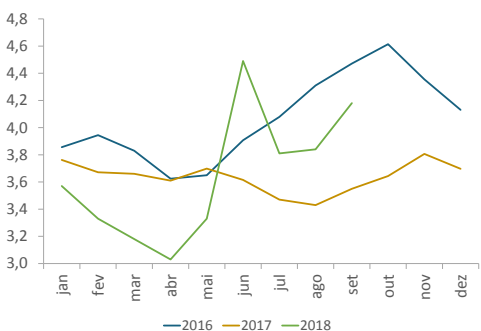


Perspectivas para a carne suína

Para os próximos meses, se mantidas as atuais condições mercadológicas, a menor oferta de animais tende a contribuir para a elevação dos preços, tanto do suíno vivo como da carne. O bom desempenho das exportações e a proximidade do período festivo de final de ano, o qual costuma registrar procura mais elevada no mercado doméstico, sinalizam a tendência de alta.

No terceiro trimestre, mantendo a recuperação de preços observada no final do segundo, os preços do frango vivo e da carne de frango aumentaram em níveis significativamente acima do observado nos quatro primeiros meses do ano. O aquecimento da demanda interna, associado à menor oferta de animais nas granjas em decorrência da saída dos produtores da atividade (desestimulados pelos baixos preços do produto e pelos altos custos da ração na maior parte do ano), impulsionou as cotações do frango vivo e da carne. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, os preços médios da carne no terceiro trimestre estiveram 9% maiores. Na comparação com o período de janeiro a setembro de 2017, o patamar de preços no mesmo período de 2018 praticamente se manteve, com modesta elevação de 0,9% (gráfico 13).

GRÁFICO 13
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização do frango abatido (inteiro resfriado) no atacado (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas para a carne de Frango

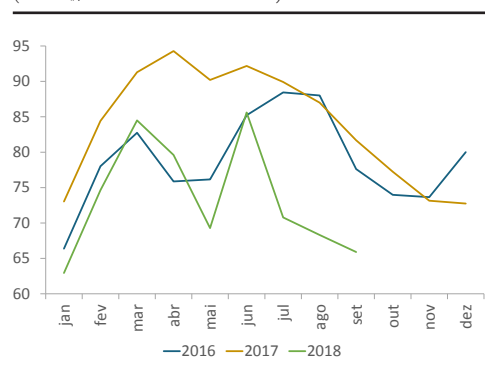
Informações parciais sobre o preço do frango no último trimestre do ano indicam que a oferta foi mais restrita, ainda que o ritmo de exportações tenha ficado aquém do esperado pelos agentes do setor, de modo que até o momento não houve recuo dos preços. Especificamente em dezembro, as férias escolares e a maior concorrência com as carnes natalinas diminuem a demanda interna pela carne de frango, o que pode ser um fator que pressione a queda dos preços do produto.

Os valores dos ovos comerciais foram marcados por sucessivas quedas no terceiro trimestre. Os bons preços dos ovos e os custos de produção favoráveis em 2017 levaram muitos avicultores a investir na atividade e aumentar os plantéis. Como efeito, observa-se aumento da produção em 2018 e dificuldade do mercado em escoar e absorver o excesso de ovos existente. Na comparação entre o segundo e o terceiro trimestres de 2018, o indicador de preços de ovos Cepea recuou 12,6%. Na comparação entre janeiro a setembro de 2018 e o mesmo período de 2017, a redução foi de 15,6% (gráfico 14).

GRÁFICO 14

Bastos, São Paulo: indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco

(Em R\$/caixa com trinta dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas - Ovos

O comportamento do preço dos ovos comerciais está sujeito à estratégia adotada pelo setor para conter o excesso de oferta. Se concretizados os indícios do mercado quanto à intensificação dos descartes de poedeiras, espera-se um ajustamento entre oferta e demanda com viés de alta para os preços. Do contrário, os preços tendem a continuar em queda.

2 Comércio externo: Produtos agropecuários e agroindustriais³

A tabela 1 apresenta os valores (US\$ milhões) e quantidades (1 mil toneladas) acumulados nos dez primeiros meses do ano para os principais produtos de exportação (PPE). As exportações totais desse grupo de produtos alcançaram US\$ 76,7 bilhões, um aumento de 3,1% com relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações de soja continuam crescendo, alcançando elevação de 23,7% em valor e 17,1% em quantidade, com aumento de 5,6% nos preços médios. Ao mesmo tempo, as exportações de farelo de soja cresceram 29,2% em valor e 14,1% em quantidade, com elevação de 13,3% nos preços médios. Como a colheita da soja se encerra em outubro, é provável que esses valores já representem a quase totalidade das exportações em 2018. De fato, a previsão da Conab é de exportações totais de 76 milhões de toneladas no ano-safra 2017/2018, que deverão se repetir no ano-safra atual. Vale lembrar que a produção e as exportações de soja, farelo e resíduos permaneceram em constante crescimento nos últimos dez anos. Entre a safra de 2007/2008 e a de 2017/2018, por exemplo, as exportações apresentaram crescimento de 210% em quantidades. Com a continuidade da guerra comercial entre a China e os Estados Unidos, os produtores da soja norte-americanos estão com dificuldade de vender seu produto no mercado internacional, o que vem pres-

³ Seção elaborada por Marcelo José Braga Nonnenberg e Ana Cecília Kreter, ambos da Dimac/Ipea.

sionando os preços para baixo desde abril, tanto para os grãos como para o óleo e o farelo. Além disso, a produção norte-americana de soja tem atingido recordes este ano, também contribuindo para a queda de preços. O aumento significativo das exportações nos últimos meses pode ser consequência da substituição da soja dos Estados Unidos pelo produto brasileiro no mercado chinês. Mesmo com o aumento da produção, contudo, o Brasil não terá oferta suficiente para atender à demanda até então americana. Para 2019, o Banco Mundial espera um pequeno aumento de preços de grãos e óleos no mercado internacional.

TABELA 1
Valores e quantidades das exportações de produtos agropecuários e agroindustriais (2017-2018, janeiro a outubro)
(Em milhões de US\$)

PPE	Valor			Peso			Variação do preço médio (Em %)
	2017	2018	Variação (Em %)	2017	2018	Variação (Em %)	
Soja mesmo triturada	23.989	29.663	23,7	63.656	74.560	17,13	5,57
Celulose	5.176	6.921	33,7	11.558	12.637	9,33	22,31
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	4.363	5.638	29,2	12.432	14.184	14,09	13,28
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.míudos	5.469	4.895	-10,5	3.351	3.200	-4,52	-6,25
Açúcar de cana, em bruto	7.853	4.526	-42,4	19.971	15.105	-24,36	-23,80
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	4.111	4.454	8,3	982	1.096	11,60	-2,92
Café cru em grão	3.739	3.290	-12,0	1.331	1.347	1,16	-13,02
Milho em grãos	3.409	2.686	-21,2	21.732	15.807	-27,26	8,33
Fumo em folhas e desperdícios	1.548	1.498	-3,3	353	349	-1,18	-2,11
Couros e peles, depilados, exceto em bruto	1.610	1.221	-24,2	381	371	-2,50	-22,23
Demais produtos	13.072	11.861	-9,3	-	-	-	-
Total	74.337	76.653	3,1	-	-	-	-

Fonte: SECEX/Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O segundo produto mais importante dessa lista é a celulose, que apresentou elevação de 33,7% em valor nos primeiros dez meses do ano, na comparação com igual período do ano passado, e de 9,3% em quantidade. Os principais mercados brasileiros registraram grande elevação no período, com destaque para a China, que já era o maior e que mostrou crescimento de 39,2%; os Estados Unidos, com 14,8%; a Itália, com 42,7%; e a França, com 54%. A forte alta das exportações de celulose, principalmente em valor, é decorrente de um aumento constante da demanda sem crescimento igual da oferta mundial. O setor tem acompanhado a recuperação econômica de regiões como os Estados Unidos e a Europa, e tem previsão de alta para 2019.

A carne de frango congelada apresentou queda de 10,5% nos valores exportados no mesmo período, em decorrência tanto da queda de 4,5% nas quantidades quanto da queda de 6,2% nos preços médios. Conforme a Conab, tal redução se deveu a três fatores: i) o *desliste* de vinte plantas industriais brasileiras pela União Europeia, decorrente da Operação Carne Fraca; ii) as novas requisições de abate *halal* pelos países árabes; e iii) a acusação de *dumping* pela China. As vendas para alguns dos principais mercados, como Arábia Saudita (-26,5%), Japão (-23,3%), Hong Kong (-15,8%) e Emirados Árabes Unidos (-3,2%), tiveram quedas bastante expressivas em valor no período.

As exportações de açúcar também tiveram forte queda ao longo dos primeiros dez meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, com -42,4% em valor, -24,4% em quantidade e -23,8% em preços médios. As compras dos principais parceiros sofreram grandes quedas nesse período. Bangladesh, o principal comprador em 2017, reduziu suas compras em 60%, seguido por Índia (-35,8%), Malásia (-46,7%), Argélia (-24,3%) e Nigéria (-27%). Segundo a Conab, a redução do volume de açúcar exportado se deu em razão do aumento da produção de açúcar em países do Sudeste Asiático ao longo dos últimos anos, ocasionando estoques elevados, que derrubaram as cotações do preço do produto no mercado internacional.

A carne de bovina registrou um aumento de 8,3% no valor exportado no mesmo período, apesar da queda de apenas 2,9% nos preços médios. Ainda que tenha havido queda nas vendas para alguns mercados, os aumentos para alguns dos principais compradores mais do que compensaram esse movimento. As vendas para o Chile, por exemplo, cresceram 80,9%; para a China, 67%; e para a Itália, 13,5%. O comportamento altamente favorável dos primeiros produtos da lista, como soja em grão e farelo e celulose, se comparado ao acumulado do ano em 2017, contrasta com o desempenho bastante desfavorável dos últimos produtos da lista, que tiveram quedas, em alguns casos expressivas, das exportações. O café teve queda de 12% no valor exportado devido basicamente à redução dos preços no mercado internacional.

O milho registrou queda de 21,2% no valor exportado e 27,3% na quantidade. Apesar disso, os preços médios aumentaram em 8,3% – decorrência da elevação dos preços nos mercados internacionais. Ainda no caso do milho, houve uma combinação de forte queda da produção, em razão da redução das áreas cultivadas e do estresse hídrico, da ordem de 17,4%, com o aumento do consumo doméstico (4,1%), de acordo com dados da Conab.

O fumo também apresentou queda nas exportações (3,3%) no período, provocada por reduções de quantidades e preços. Couros e peles, por sua vez, apresentaram redução de 24,2% das exportações em decorrência principalmente da diminuição de 22,2% dos preços. Os demais produtos tiveram queda de 9,3% nas vendas externas.

A tabela 2 mostra os dados de valores e quantidades importados dos produtos agropecuários e agroindustriais, segundo a classificação principais produtos de importação (PPI), para os primeiros dez meses de 2017 e 2018. No conjunto, esses produtos apresentaram queda de 0,6% em valor. O principal produto dessa classificação é o trigo, cujas importações aumentaram 27% em valor no período, em razão tanto de elevações de quantidades (11%) como de preços (15%), a despeito de ter havido grande aumento da produção doméstica. De acordo com os dados da Conab, a área semeada de trigo teve um aumento da ordem de 6,4% em relação à safra anterior. A baixa disponibilidade de trigo (nacional e argentino) no mercado interno, em razão da política de *retenciones* neste último, fez com que o Brasil

importasse mais no período. A novidade, entretanto, foi a entrada de 26,22 mil toneladas de trigo russo (4,15% do total), a partir do Ceará, para suprir a oferta.



As importações dos outros produtos variaram fortemente no período, merecendo destaque positivo os demais produtos semimanufaturados, com aumento de 25%, e o azeite de oliva virgem, com 47%. De acordo com o Conselho Oleícola Internacional (COI), o resultado do azeite pode ser explicado pela ampliação da oferta mundial na safra 2017/2018, que atingiu 2.894.000 toneladas e representou aumento de 14% em relação à safra anterior. Destaque negativo ficou para a borracha natural, com queda de 12,2%, o leite e o creme de leite, com 26%, e os demais produtos, com queda de 10%. Segundo a Conab, a queda nas importações de leite e creme de leite se deu em razão da retração da demanda interna por esse produto no período.

TABELA 2

Valores e quantidades das importações de produtos agropecuários e agroindustriais (2017-2018, janeiro a outubro)

(Em milhões de US\$)

PPI	Valor			Peso			Variação do preço médio (Em %)
	2017	2018	Variação (Em %)	2017	2018	Variação (Em %)	
Trigo em grãos	974	1.241	27	5.125	5.671	11	15
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	428	420	-2	59	63	7	-8
Produtos hortícolas preparados/conserv.em ácido acético	412	388	-6	423	412	-2	-4
Demais produtos semimanufaturados	262	327	25	298	308	3	21
Azeite de oliva, virgem	218	321	47	40	57	41	4
Malte inteiro ou partido, não torrado	314	317	1	610	630	3	-2
Vinho de uvas	302	309	3	105	98	-7	11
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	340	298	-12	185	194	5	-16
Preparações utilizadas na alimentação de animais	207	236	14	79	79	1	14
Leite e creme de leite concentrado/adicion.açúcar,etc.	297	220	-26	91	77	-16	-12
Demais produtos	3.695	3.327	-10	-	-	-	-
Total	7.449	7.405	-1	-	-	-	-

Fonte: SECEX/MDIC.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Nível de atividade e emprego

3.1 PIB agropecuário: indicador mensal e previsão para 2018 e 2019⁴

Segundo o indicador Ipea mensal de PIB agropecuário, o setor apresentou crescimento na comparação mês a mês em setembro e outubro em todos os componentes, na série livre de efeitos sazonais. Embora tenha sido a segunda variação positiva seguida do indicador no caso da lavoura (3,1% e 2,2%) e a terceira no caso da pecuária (0,2%, 2,8% e 1,4%), isto não foi suficiente para evitar a queda do segundo para o terceiro trimestre do dado agregado (-1,1%). Os resultados positivos da pecuária (3,2%), contudo, suavizaram a queda no setor.

⁴ Seção elaborada por Leonardo Mello de Carvalho, Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti, José Ronaldo de Castro Júnior e Ana Cecília Kreter, ambos da Dimac/Ipea.

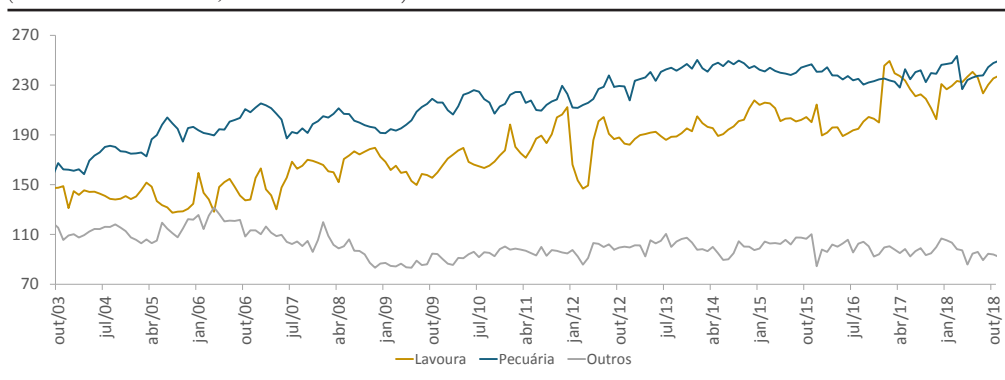
Na comparação com o mesmo período do ano anterior, os resultados foram melhores, com alta de 2,9% (total), 3,9% (lavoura) e 1,9% (pecuária). Destaque novamente para os meses de setembro e outubro em todos os componentes, o que indica uma recuperação, mesmo que modesta, do setor. Já no acumulado do ano, o indicador Ipea de PIB permaneceu praticamente estável, com pequeno avanço de 0,1% até o mês de outubro e 0,7% nos últimos doze meses.

TABELA 3
Indicador Ipea mensal de PIB agropecuário e componentes
(Variação %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Ago./18	Set./18	Out./18	TRI	Ago./18	Set./18	Out./18	TRI	No ano	Em doze Meses
Agropecuária	-4,3	4,3	1,4	-1,1	-1,3	4,3	7,6	2,9	0,1	0,7
Lavoura	-5,3	3,1	2,2	-3,4	0,3	4,7	10,7	3,9	-0,2	0,4
Pecuária	0,2	2,8	1,4	3,2	-2,4	3,8	4,4	1,9	2,3	2,4
Outros	-6,9	5,8	-0,6	0,5	-10,2	-0,9	-1,8	-4,5	-1,0	0,8

Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

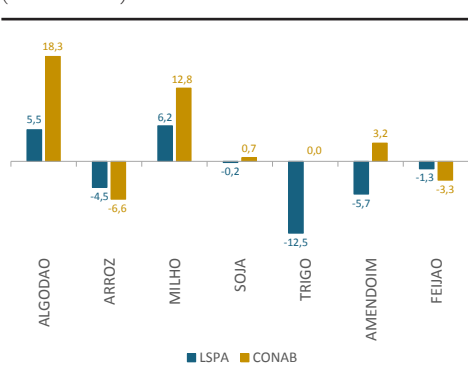
GRÁFICO 15
Indicador Ipea de PIB agropecuário e componentes (out./2003-out./2018)
(Índices dessazonalizados, média de 1995 = 100)



Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Levando em conta o prognóstico do IBGE para o resultado da lavoura (de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA), e com base em modelos econométricos de séries de tempo, o Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea estima alta de 0,6% para o PIB agropecuário em 2018 e de 0,9% para 2019 (tabela 4). A mesma metodologia foi aplicada pelo Ipea com o prognóstico da Conab, e o destaque fica para o crescimento previsto de 2,0% do PIB em 2019 – mais que o dobro do previsto com o prognóstico de safra do IBGE. Comparando as estimativas da LSPA com as da Conab, notam-se diferenças significativas para alguns produtos (gráfico 16).

GRÁFICO 16
Principais produtos da lavoura – crescimento projetado em 2019 – IBGE versus CONAB
(Em % ao ano)



Fonte: LSPA/IBGE e Conab.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

PIB do setor agropecuário – cenários Ipea de crescimento para 2018 e 2019

(Em % ao ano)

Cenários para a agricultura	2018		2019	
	Lavoura	PIB agropecuário	Lavoura	PIB agropecuário
Prognóstico de safra da LSPA/IBGE	0.3	0.6	0.4	0.9
Acompanhamento de safra da CONAB	0.7	0.9	2.0	2.0

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A produção de algodão e a de milho, por exemplo, apresentaram estimativas de crescimento de 5,5% e 0,4%, respectivamente. As estimativas de produção da Conab são mais otimistas para os dois produtos, com 18,3% para o algodão e 12,8% para o milho. Segundo a instituição, no caso do algodão, a previsão de crescimento em 2019 pode ser explicada pela expectativa de aumento da área plantada, que, se confirmada, pode representar a maior área plantada do produto no país – com crescimento de 23,2%, ou 1.447,5 mil hectares. Já no caso do milho, o aumento da produção deverá ser consequência do aumento da produtividade, que, segundo a Conab, terá crescimento de 12,5%.

Segundo a LSPA, entre os produtos que deverão apresentar maior queda, destaca-se o trigo, com -12,5%. A Conab, no último *Boletim de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos*, publicado este mês, ainda manteve constante a produção para 2019 de todas as culturas de inverno, que inclui tanto o trigo quanto a aveia, a cevada etc. Por esta razão, o produto não apresentou variação na previsão de produção para o próximo ano.

3.2 Emprego no agronegócio⁵

Considerando o período de janeiro a setembro de 2018, não houve alterações significativas no número de pessoas ocupadas⁶ no agronegócio em relação ao mesmo período de 2017 (tabela 5). Para os segmentos do agronegócio (insumos, primário, agroindústria e agrosserviços), também se verificou relativa estabilidade. Ainda que as taxas estejam bem modestas, houve mudança no número de ocupados para o segmento primário e para os agrosserviços.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços.

No segmento primário especificamente, seguindo uma tendência de longo prazo, a população ocupada reduziu em cerca de 75 mil pessoas na comparação entre os

5. Subseção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Leandro Gilio, Ana Carolina de Paula Morais e Marcello Luiz de Souza Junior, todos do Cepea/Esalq/USP.

6 Seguindo o procedimento do IBGE na PNAD Contínua, as estimativas para o mercado de trabalho do agronegócio feitas pelo Cepea não consideram como pessoa ocupada aqueles que desenvolveram trabalhos na produção para o próprio consumo.

primeiros nove meses de 2018 e de 2017. Pesaram nesse resultado, principalmente, reduções no número de empregos no ramo pecuário e, para o ramo agrícola, no grupo de “outras lavouras” – o qual engloba a produção de diversas culturas de menor expressividade na geração de valor econômico, mas importantes quanto ao contingente de trabalhadores.

TABELA 5
Variação no total de pessoas ocupadas no agronegócio e em seus segmentos

Segmento / Variação na quantidade de pessoas ocupadas	Jan-Set 18 / Jan-Set 17
Insumos	-0,10
Primário	-0,89
Agroindústria	0,18
Agrosserviços	1,10
Total agronegócio	-0,03

Fonte: Cepea/USP, a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) trimestral, do IBGE, e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho (MT).

A tabela 6 apresenta as variações das ocupações no agronegócio por grupos de posição na ocupação e categorias de emprego e de níveis de instrução. A análise dessa tabela mostra que as tendências apresentadas na *Carta de Conjuntura* n° 40, quanto ao status da ocupação em geral, mantêm-se: aumento dos empregos sem carteira em relação ao total de empregos; aumento do número de empregadores; e redução dos ocupados por conta própria. Na comparação entre o período de janeiro a setembro de 2018 e o mesmo período de 2017, o agronegócio perdeu mais de 85 mil empregos formais, e o número de pessoas ocupadas sem carteira assinada aumentou em 145 mil. Ressalta-se que a redução dos empregos com carteira assinada diante dos empregos do mercado informal também tem sido uma tendência da economia como um todo, conforme dados do IBGE.

Para os níveis de escolaridade, o cenário que vai se consolidando para 2018 também segue a tendência já discutida na carta anterior, com aumento das ocupações de maior grau de instrução (ensinos médio e superior) diante daquelas de menor escolaridade. Enquanto o número de ocupados no agronegócio sem nenhuma instrução diminuiu em quase 175 mil pessoas no período de análise, para a categoria de ensino superior houve aumento de quase 140 mil.

TABELA 6
Variação no total de pessoas ocupadas no agronegócio por grupos de posição na ocupação e categorias de emprego e por categorias de grau de instrução

	Categorias	Jan-Set 18 / Jan-Set 17
Posição na ocupação e categorias de emprego	Empregado c/ carteira	-1,30
	Empregado s/ carteira	4,89
	Empregador	5,43
	Conta-própria	-1,05
	Outros ¹	-2,39
Categorias de grau de instrução	Sem instrução	-11,25
	Fundamental ²	-1,13
	Médio ²	2,04
	Superior ²	5,58

Fonte: Cepea/USP, a partir de dados da PNAD Contínua trimestral/IBGE e da RAIS/MT.

Notas:

¹ Inclui as categorias: militar e servidor estatutário e trabalhador familiar auxiliar.

² Completo e incompleto.

4 Fertilizantes⁷

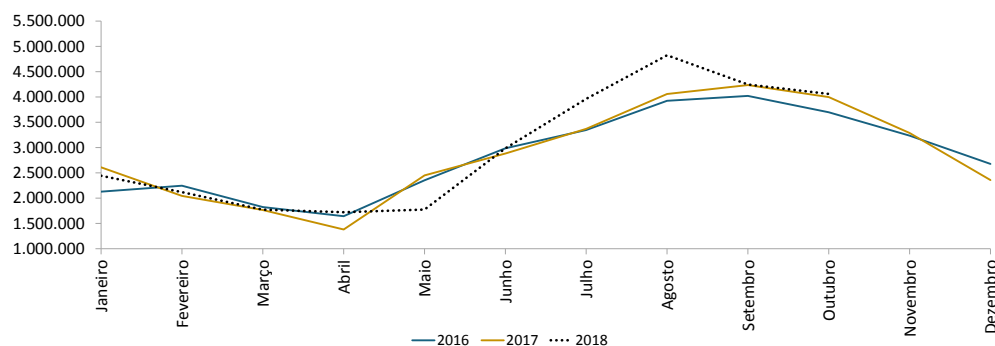


A aquisição de 13.037 mil toneladas de fertilizantes entre os meses de julho e setembro de 2018 foi consideravelmente acima do observado para os mesmos meses de 2017 – aumento de cerca de 11,8% (gráfico 17). Segundo a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), no acumulado do ano, foram entregues 29.916 mil toneladas de fertilizantes, representando um crescimento de 3,9% em relação ao mesmo período de 2017, quando foram entregues 28.793 mil toneladas. A região Centro-Oeste concentrou o maior volume no período analisado (31,1%), com 9.292 mil toneladas, seguida pela região Sul (25,7%), com 7.685 mil toneladas, e pela região Sudeste (20,9%), com 6.232 mil toneladas.

GRÁFICO 17

Consumo efetivo de fertilizantes no Brasil

(Em toneladas)



Fonte: Anda, 2018.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Segundo a Conab, o aumento no consumo de fertilizantes no ano de 2018 foi decorrente da expansão da área cultivada, em especial da área plantada no segundo semestre deste ano. A expectativa é de um aumento entre 0,3% e 2,2% da área plantada na safra de 2018/2019, que poderá chegar a 63,1 milhões de hectares, incremento de até 1.379 mil hectares em comparação à safra passada, atingindo, assim, novo recorde nacional. Entre as culturas que contribuíram para este resultado, encontram-se o algodão e a soja. Na safra 2017/2018, essas culturas já tinham apresentado um expressivo aumento de área semeada na região Centro-Oeste, juntamente com a cana-de-açúcar e o café na região Sudeste. Em conformidade com o recorde da área cultivada, a produção estimada para a safra 2018/2019 indica um volume entre 233,7 e 238,3 milhões de toneladas, um crescimento de até 4,5% em relação à safra anterior.

De acordo com a Conab, com exceção de maio de 2018, quando ocorreu a greve dos caminhoneiros, e de janeiro, nos demais meses do ano o volume de fertilizantes entregue foi maior que no ano passado. Ainda conforme a Conab, o calendário agrícola vem se mostrando atípico nesta safra, dado que ocorreram relatos de atrasos na entrega de insumos, principalmente fertilizantes oriundos do porto de

⁷ Seção elaborada por Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira e Jefferson Andronio Ramundo Staduto, ambos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

Paranaguá (Paraná). No que diz respeito à cultura do trigo, a greve dos caminhoneiros culminou em atraso no recebimento de fertilizantes pelos produtores, o que também levou ao atraso no plantio. Apesar disso, o desenvolvimento da cultura, que é mais representativa entre as de inverno e a maior em termos de valor e quantidade na pauta de importação, não foi comprometido, e a Conab prevê recorde de produção. A expectativa é que a área semeada do grão em 2018 supere a safra de 2017 em 6,4% (123,2 mil hectares), chegando à marca dos 2 milhões de hectares.

5 Crédito rural⁸

No ano agrícola 2018/2019, foram disponibilizados R\$ 191,1 bilhões para o crédito rural. Apesar do aumento de apenas 1,4% dos recursos programados em comparação ao ano agrícola anterior, R\$ 153,7 bilhões foram liberados a juros controlados. Desse valor, R\$ 118,8 bilhões foram para custeio e R\$ 40 bilhões para investimento. Além do crédito rural, também foram disponibilizados R\$ 450 milhões para a subvenção ao prêmio do seguro rural e R\$ 2,6 bilhões para o apoio à comercialização.

Neste último Plano Safra, o programa de subvenção ao prêmio do seguro rural teve um expressivo aumento de importância. Como se trata de um apoio financeiro aos produtores rurais disponibilizado pelo governo federal, ele tem a função de reduzir o risco da produção diante das diversidades climáticas. O seguro rural, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), configura-se como um dos pilares da política agrícola brasileira e funciona de maneira complementar às políticas de crédito e de apoio à comercialização, cuja expectativa é de aumento de volume para esta safra.

No que tange às taxas de juros, a principal alteração diante do Plano Safra 2017/2018 diz respeito à possibilidade de o produtor optar pela contratação de crédito com taxas pós-fixadas ou prefixadas. Nesse plano, estabeleceu-se que a taxa pós-fixada terá dois componentes: um fixo, estabelecido pelo MAPA e divulgado pelo Banco Central do Brasil (BCB), e um variável, baseado na inflação e correspondente ao IPCA. A implementação dessa nova forma de contratação, no entanto, foi adiada para o final do ano com a Resolução no 4.689, de 25 de setembro de 2018, do BCB, que desobrigou as instituições financeiras a atender os mutuários pela contratação de operação pós-fixada até 30 de novembro. Apesar de prevista para vigorar a partir deste mês, ainda não ocorreram operações nessa modalidade, dado que as instituições financeiras não estavam com os sistemas completamente ajustados para esse tipo de operação.

O relatório *Focus*, divulgado pelo BCB, revelou quedas consecutivas de projeção do IPCA em 2018, sendo que a última projeção ficou em 3,71%. Para esse patamar de IPCA, por exemplo, a modalidade de financiamento de custeio com parte da taxa de juros pós-fixada seria vantajosa, considerando que teria a taxa de 0,33%

⁸ Seção elaborada por Jefferson Andronio Ramundo Staduto, Carlos Alberto Gonçalves Junior, Mirian Beatriz Schneider Braun, Bruna Naiara de Castro e Carla Cristiane de Camargo, todos da Unioeste.

ao ano + IPCA, o que resultaria em uma taxa de juros total do financiamento de 4,05% – menor que a totalmente prefixada, de 6% ao ano. Para 2019, a projeção do relatório Focus do IPCA é de 4,07%. Se for confirmada, tornaria novamente vantajosa a contratação na modalidade com componente da taxa de juros pós-fixada. Nos contratos de crédito para investimento, entretanto, o produtor ficaria exposto ao risco de aumento do IPCA por um período mais longo.

A tabela 7 apresenta as taxas vigentes para os programas dentro das finalidades custeio e investimento, bem como um comparativo com o Plano Safra anterior. Com exceção do Moderagro, todas as taxas de juros mostram redução. Custeio, que representa a maior parte do total do crédito disponível, passou a ter taxas prefixadas de até 7% ao ano, sendo de até 6% ao ano para os produtores rurais com renda bruta anual inferior a R\$ 2 milhões, no âmbito do Pronamp e dos programas PCA, ABC e Inovagro.

TABELA 7
Comparativo das taxas de juros nas safras 2017/2018 e 2018/2019
(Em %)

Finalidade	2017/18	2018/19
Custeio		
Pronamp	7,5	6
Demais produtores	8,5	7
Investimento		
Moderfrota	7,5/10,5	7,5/9,5
Programa ABC	7,5	6,0/5,25
Programa PCA	6,5	6,0/5,25
Inovagro	6,5	6
Pronamp	7,5	6
Moderinfra	7,5	7
Moderagro	7	8,5
Prodecoop	8,5	7

Fonte: Plano Safra 2018/2019.

Outras alterações relevantes referentes ao crédito rural foram: i) a possibilidade de financiamento de custeio para as despesas de aquisição de insumos para a restauração e recuperação de áreas de reserva legal e as de preservação permanente; e ii) a taxa de 5,25% ao ano, a mais baixa para o ano agrícola 2018/2019, também para a construção de armazéns de até 6 mil toneladas, no âmbito do Programa para Construção e Ampliação de Armazéns (PCA), com o objetivo de ampliar a capacidade instalada de armazenagem nas propriedades.

As operações de crédito rural, que abrangem o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), efetuadas no período (julho a setembro 2018), somaram R\$ 57,36 bilhões, o que corresponde a um crescimento nominal de 26,7% em relação ao mesmo período do ano passado (tabela 8). Os recursos destinados ao crédito rural tiveram um aumento em todas as finalidades, com destaque para o de industrialização (145%), o de comercialização (44,5%) e o de investimento (36,8%). Particularmente no caso do crescimento acentuado do crédito para industrialização, o comportamento se deve em parte à melhor categorização desse recurso, pois nas safras passadas uma parcela era englobada pelo crédito de comercialização.

TABELA 8
Recursos por finalidade
(Em R\$ milhões)

Finalidades	Safra 2017/18	Safra 2018/19	Varição (%)
Custeio	29.363,00	33.767,24	15,0
Industrialização	1.238,12	3.035,05	145,1
Comercialização	6.258,01	9.042,32	44,5
Investimento	8.419,82	11.519,74	36,8
Total	45.278,95	57.364,35	26,7

Fonte: Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor)/BCB.
Nota: Os dados estão sujeitos a atualizações. Dados retirados em 14 de novembro de 2018.

No que se refere às fontes e aos recursos, os controlados cresceram substancialmente no terceiro trimestre de 2018, em relação ao mesmo período de 2017 – cerca de 34%, liderados pela poupança rural, que cresceu 88,8% (tabela 9). Em contrapartida, os recursos não controlados mantiveram-se praticamente estáveis para esse período. A proporção das fontes de recursos controlados também aumenta de 2017 para 2018, passando de 77,85% para 82,34%. A emissão de Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs), cujos recursos são parcialmente direcionados para o crédito rural, tiveram contribuições expressivas para aumentar o fundo do crédito rural. Apresentaram, no entanto, importantes contrações: LCA taxa favorecida e LCA taxa livre reduziram em 18,90% e 3,95%, respectivamente.

TABELA 9
Fontes e recursos
(Em R\$ milhões)

Fontes	Safra 2017/18	Partic. (%)	Safra 2018/19	Partic. (%)	Varição (%)
Controlados					
Poupança Rural Controlada	11.623,37	25,67	21.952,18	38,27	88,86
Recursos Obrigatórios	15.173,09	33,51	14.004,63	24,41	-7,70
BNDES/FINAME Equalizável	3.223,57	7,12	4.523,42	7,89	40,32
Fundos Constitucionais	3.087,07	6,82	4.361,65	7,60	41,29
FCO	1.626,38	3,59	1.762,32	3,07	8,36
FNE	967,97	2,14	1.891,18	3,30	95,38
FNO	492,72	1,09	708,14	1,23	43,72
Funcafé	1.005,67	2,22	1.848,94	3,22	83,85
Recursos Livres Equalizáveis	9,86	0,02	119,94	0,21	1.115,97
Outros	1.128,55	2,49	424,59	0,74	-62,38
Total Controladas	35.251,19	77,85	47.235,35	82,34	34,00
Não Controladas		0,00	0,00	0,00	
LCA Taxa Favorecida	4.394,27	9,70	3.563,65	6,21	-18,90
LCA Taxa Livre	1.546,97	3,42	1.485,84	2,59	-3,95
Recursos Livres	1.085,84	2,40	3.643,03	6,35	235,50
Captação Externa	620,19	1,37	663,24	1,16	6,94
Poupança Rural Livre	2.378,02	5,25	759,21	1,32	-68,07
BNDES Livre	2,48	0,01	14,03	0,02	466,37
Total Não Controladas	10.027,77	22,15	10.129,00	17,66	1,01
Total	45.278,95	100,00	57.364,35	100,00	26,69

Fonte: Sicor/BCB.
Nota: Os dados estão sujeitos a atualizações. Dados retirados em 14 de novembro de 2018.

O volume de crédito rural contratado no trimestre de julho a setembro apresentou crescimento em todas as finalidades, em comparação com o mesmo período do ano anterior, revelando o otimismo no setor e projetando resultados superiores em relação à última safra. O último *Boletim de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, da Conab*, está na mesma direção, mostrando aumento de 1,2% da área plantada de grão em relação ao ano-safra anterior.

A reversão na tendência de redução da contratação do crédito rural – que vem apresentando crescimento desde 2014 – já está ocorrendo neste ano, e deve se manter para o próximo ano-safra, principalmente no que se refere à demanda de recursos com taxas de juros controladas. Alguns motivos são apresentados pela Conab: i) houve redução da taxa de juros dos financiamentos, o que tornou o crédito rural mais competitivo em relação a outras fontes de financiamento, como as operações de Barter⁹; ii) o Plano Safra de 2018/2019 priorizou os programas que foram apontados pelo setor como prioritários – tais como o Programa para Redução da Emissão de Gases de Efeito Estufa na Agricultura (ABC), o PCA e Programa de Incentivo à Inovação Tecnológica na Produção Agropecuária (Inovagro), cujas contratações já se elevaram a mais de 100% na comparação entre trimestres de 2017 e 2018; e iii) as Leis nos 13.340/2016 e 13.606/2018, além das renegociações nas instituições financeiras que viabilizaram a reinserção de produtores no mercado de crédito rural.

Em contrapartida, as contratações de crédito com componente pós-fixado poderão ter – potencialmente – adesão caso as projeções do IPCA continuem dentro dos mesmos níveis atuais. Se a implementação dessa modalidade se confirmar na próxima safra, ela deverá ser experimentada pelos produtores rurais. Ela representa para eles, contudo, mais uma fonte de risco – o financeiro –, uma vez que o setor é o que apresenta maior sensibilidade quanto ao risco climático. A permanência da taxa de juros pós-fixada na safra 2019/2020 significa que haverá uma curva de aprendizado sobre a qual os agentes percorrerão.

⁹ Operações de Barter são um mecanismo de financiamento de safra em que o pagamento pelo insumo, por meio da entrega do grão na pós-colheita, é feito sem a intermediação monetária.

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Ana Cecília Kreter
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Mercados e preços agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio (geral) – Cepea/Esalq-USP
André Sanches (grãos) – Cepea/Esalq-USP
Fernanda Geraldini (hotifrutícolas) – Cepea/Esalq-USP
Renato Garcia Ribeiro (café) – Cepea/Esalq-USP
Natália Salaro Grigol (leite) – Cepea/Esalq-USP
Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi) – Cepea/Esalq-USP
Juliana Ferraz e Maristela de Mello Martins (suínos, aves e ovos) – Cepea/Esalq-USP
Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo – Cepea/Esalq/USP

Comércio externo - Produtos agropecuários e agroindustriais

Marcelo José Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Nível de atividade e emprego

Produto interno bruto (PIB) Agropecuário: indicador mensal e previsão para 2018

Leonardo Mello de Carvalho (Dimac/Ipea)
Marco Antonio F. H. Cavalcanti (Dimac/Ipea)
José Ronaldo de Castro Júnior (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros – Cepea/Esalq-USP
Nicole Rennó Castro – Cepea/Esalq-USP
Leandro Gilio – Cepea/Esalq-USP
Ana Carolina de Paula Morais – Cepea/Esalq-USP
Marcello Luiz de Souza Junior – Cepea/Esalq-USP

Fertilizantes

Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira – Unioeste
Jefferson Andronio Ramundo Staduto – Unioeste

Crédito rural

Jefferson Andronio Ramundo Staduto – Unioeste
Carlos Alberto Gonçalves Junior – Unioeste
Mírian Beatriz Schneider Braun – Unioeste
Bruna Naiara de Castro – Unioeste
Carla Cristiane de Camargo – Unioeste



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Christian Vonbun
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Vinicius dos Santos Cerqueira
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Janine Pessanha de Carvalho
Leonardo Simão Lago Alvite
Matheus Souza Peçanha
Monyk Brites Alves Cardoso
Pedro Mendes Garcia
Renata Santos de Mello Franco
Victor Henrique Farias Mamede

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.